

GERAÇÃO 2,5: A SHOÁ DE AMIR

GENERATION 2,5: AMIR'S SHOAH

Profa. Dra. Nancy Rozenchan*

Resumo

O trauma da Shoá é sabidamente um dos componentes mais complexos da identidade israelense contemporânea. Ainda que tenham se passado décadas desde os trágicos eventos que afetaram criticamente o povo judeu, Israel, que absorveu a maioria dos sobreviventes da catástrofe, continua a tentar assimilar, geração após geração, as dores, perdas e tentativas de compreensão dos eventos da II Guerra relacionados à parte de sua população. À literatura hebraica cabe um papel primordial na exposição das diversas questões aí abrangidas, assim como de atualização dos sentimentos e forma de expressão que continuam a se alterar nos anos que se seguiram. Partindo dos primeiros registros literários relacionados à Shoá, o presente texto fixa-se, por fim, em um dos romances mais destacados dos últimos tempos, *Shoá shelanu* [Nossa Shoá], de Amir Gutfreund, Tel Aviv, Ed. Zamora-Beitan, 2000, que explora a temática pela visão da geração de descendentes de sobreviventes.

Palavras-chave: Literatura hebraica, literatura israelense, literatura da Shoá, Amir Gutfreund; *Shoá shelanu*.

Abstract

The trauma of the Shoah is known as one of the most complex components of contemporary Israeli identity. Although decades have passed since the tragic events that critically affected the Jewish people, Israel, which absorbed most of the survivors of the disaster, continues to try to assimilate, generation after generation, pains, losses and attempts to understand the events of World War II related to part of its population. Hebrew literature has a key role in exposing various issues covered therein, as well as in updating the feelings and forms of expression that keep changing in the decades that followed. Starting from the first literary records related to the Shoah, this text focuses, finally, in one of the most outstanding novels

* Professora Sênior de língua e literatura hebraica do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo. E-mail: <nrozench@terra.com.br>

of recent times, *Shoah Shelanu* [Our Shoah], by Amir Gutfreund, Tel Aviv, Ed. Zamora-Beitan, 2000, which explores the theme through the eyes of the generation of survivors' descendants.

Keywords: Hebrew Literature, Israeli literature, literature of the Shoah, Amir Gutfreund, Shoah Shelanu.

Alan Mintz, um dos principais estudiosos da literatura hebraica nos Estados Unidos, considera que para entender o que ocorre na literatura de Israel e para pensar em seu futuro, é preciso compreender inicialmente o que ocorreu nas décadas mais recentes. As inovações, segundo ele, podem ser descritas a partir de três ângulos diferentes que se sobressaíram nestes anos e que se sobrepõem com frequência, quais sejam, o discurso de minoria ou o criado por ou sobre grupos étnicos que não tinham sido anteriormente objeto de representação literária; a escrita feminina e reexame dos códigos de gêneros; o realismo mágico e as técnicas narrativas fantásticas e pós-modernas na escrita da ficção.² O quanto esta literatura está imbricada na identidade israelense, o quanto a reflete e serve para esboçar as suas características contemporâneas, será o foco destas considerações.

O conceito de minoria, em Israel, é, para certos propósitos, esdrúxulo, pois seria mais conveniente denominar as minorias de grupos ou segmentos da população deixados à margem pelo ideal sionista oficial de reunião de tantos grupos e etnias judaicas quanto possíveis para serem absorvidos em uma nova sociedade que representou o desligamento da vida das diversas diásporas e caracterizações particulares nas mesmas. Estes segmentos, nas últimas décadas, buscaram sair de seu espaço restrito na sociedade, assim como na representação literária

Apesar de não serem uma minoria étnica, os sobreviventes da Shoá, que foram para Israel como deslocados, também constituem um grupo identificável cuja voz ganhou expressão literária só tardiamente, uma expressão que contribuiu de forma significativa para a apreensão de suas inúmeras características. O espectro da passividade política dos sobreviventes colidiu fortemente com o mito heroico que constituiu o foco central do sionismo na consolidação do Estado e nas primeiras décadas que se seguiram à criação do mesmo em 1948. Durante os primeiros vinte anos após a Shoá, o sobrevivente proveniente da Europa destruída muitas vezes foi representado na literatura israelense como moralmente maculado, em contraste com o *sabra*, o nativo, corajoso e trabalhador. Até o julgamento do criminoso de guerra Adolf Eichmann, em 1961, que proporcionou uma vitrine para os testemunhos da Shoá, os sobreviventes não tinham sido encorajados a contar suas histórias para si ou para os outros. As exceções foram a contribuição dada à resistência durante a guerra, a luta heroica e os tumultos nos guetos. Demorou mais de uma década até que a sociedade israelense e a literatura, em particular, passassem a lidar com o trauma, a

² MINTZ, Alan. "Fracturing the Zionist Narrative" in *Judaism* 48, 4, 1999, p.407-415.

destruição, o sofrimento, o terror e a morte, quando estes deixaram de ser um fenômeno secundário na esfera cultural e pública israelense. Alguns fatos literários neste setor, ainda anteriores ao final da Segunda Guerra, merecem registro.

De início, coube aos poetas, especialmente dentre os que se encontravam em Israel já desde antes daquela guerra, apresentar a resposta à catástrofe europeia, mesmo porque foram raros os sobreviventes que, ao chegarem ao país, puderam escrever rapidamente em hebraico. Avot Yeshurun [1904-1992], que chegou à Palestina em 1925, pranteou, em fragmentos poéticos, a destruição de sua comunidade na Europa e o assassinato de sua família. Escreveu sobre morte e um profundo sentimento de ausência e de vergonha experimentado por aqueles que sobreviveram enquanto os progenitores foram deixados e pereceram na Europa. A poesia mescla o luto e a consciência da catástrofe com uma crítica acerba da agenda política de Israel, que não foi receptiva para com os judeus que permaneceram na Europa e pereceram, assim como não o foi com os sobreviventes.

Dentre os sobreviventes, um dos nomes de maior proeminência que ajudou a constituir o relacionamento do público israelense com a Shoá, foi o de Abba Kovner [1918–1987], que chegou à Palestina em 1946. Sua produção literária prolífica de poesia e prosa, surgida já a partir de 1947, em poema expondo o heroísmo da guerra dos partisanos judeus ante o inimigo nazista, reflete tanto as suas ideias como a sua vida tempestuosa.

Quando os alemães ocuparam Vilna em 1941 e estabeleceram o gueto, Kovner e diversos companheiros encontraram refúgio temporário em um convento. Contudo, preocupado com a segurança das freiras e com o sentimento de culpa por ter deixado para trás um amor jovem - que, assim soube, tinha sido morta no massacre que iria exterminar 100 mil pessoas em Ponar³ - ele voltou para o gueto e despontou como líder dos que ali combateram. Posteriormente lutou nas florestas.

Em 1º de janeiro de 1942, ele lançou, em iídiche, uma proclamação eletrizante pedindo resistência e a advertência de que Hitler planejara matar todos os judeus da Europa. A proclamação de Kovner iniciava-se com o chamamento de não se deixarem conduzir como cordeiros para o abate⁴. Em suas obras, em que se destaca a sensação de silêncio, como aquele que ele viveu tanto no convento como na floresta, ele traz à baila a situação lamentável e sem saída do gueto; em um de seus mais importantes poemas paira a imagem fantasmagórica da

³ Das 100.000 pessoas assassinadas neste campo na Lituânia, 70.000 eram judeus.

⁴ “Der ershter ruf” [O primeiro chamado]. Kovner o escreveu originalmente em hebraico, porém o apresentou aos companheiros em iídiche.

amada entre as paredes do convento. Seus sentimentos de culpa vinculam-se também à perda da mãe, que ele não teve como salvar.

Abba Kovner foi um dos que testemunharam no processo de Eichmann. Sobre a importância do julgamento para a população israelense e que levou a uma tomada diversa de posição em relação aos sobreviventes emudecidos até então, pode-se ler uma carta escrita por ele em maio de 1961, pouco tempo depois de oferecer o seu testemunho no julgamento, cujo teor foi exposto apenas há poucos anos. Assim se manifestou o poeta:

Algo que é um dos grandes mistérios da vida e da história e que não aconteceu quando as cinzas estavam quentes, aconteceu agora em um momento em que as almas são lembradas.

Como uma barragem que foi rompida, assim os corações fechados de muitas pessoas dentre os sobreviventes da Shoá foram abertos, e não há nenhuma casa onde alguém não tenha falado de suas memórias mais ocultas.⁵

Kovner foi considerado o literato da Shoá da década de 1950.

O primeiro ficcionista a se voltar à temática foi Ka-Tzetnik⁶, pseudônimo de Yehiel Dinur [originalmente Yehiel Feiner, 1909-2001] que escreveu o primeiro romance a respeito do período em que foi prisioneiro em Auschwitz⁷. Ele o redigiu em ídiche já em 1945, enquanto se recuperava em um hospital britânico na Itália. Foi uma obra composta em apenas duas semanas e meia e chegou ao público na versão hebraica. Como a maior parte dos seus livros publicados nos anos seguintes, a obra de Ka-Tzetnik é lúgubre, repleta de cenas bárbaras de tortura, sexualidade perversa, canibalismo e até pornografia⁸.

⁵ ASHKENAZI, Eli. “Abba Kovner in letter after Adolf Eichmann trial: A dam has burst of Holocaust survivors' emotions” in *Haaretz*. 2.12.2010. Disponível em <http://www.haaretz.com/print-edition/news/abba-kovner-in-letter-after-adolf-eichmann-trial-a-dam-has-burst-of-holocaust-survivors-emotions-1.328294> Acesso em 20.11.13. Todas as traduções são de minha autoria. [N.R.]

⁶ O pseudônimo se baseia nas letras K e Z [TZ], da palavra alemã, com sufixo ídiche, que se usava para alguém que passou pelos campos de concentração.

⁷ Ka-Tzetnik disse de si que foi o verdadeiro representante dos campos, um “*Muselman*” [literalmente: muçulmano] arquetípico, um indivíduo que já demonstrava uma resignação fatal, um morto andante. Citado por MIKICS, David. “Holocaust Pulp Fiction” in *Tablet a New Read on Jewish Life*, 19.04.12. Disponível em <http://www.tabletmag.com/jewish-arts-and-culture/books/97160/ka-tzetnik?all=1> Acesso em 20.11.13.

Dois de seus livros, *Atrocidade* e *Casa das bonecas*, foram publicados na década de 1960 no Brasil.

⁸ Há os que consideram que a obra de Ka-Tzetnik inspirou o gênero literário hebraico conhecido como *stalag* [do alemão *Stalag*, campo de prisioneiros], uma série de livros pornográficos, de bolso, sugeridos pelos horrores nazistas. Na sociedade conservadora israelense da década de 1960, esta era praticamente a única pornografia existente. Foi escrita por autores israelenses, sob pseudônimos, em língua inglesa. Há quem atribua o surgimento do gênero aos próprios efeitos do julgamento de Eichmann. In KERSHNER, Isabel, “Israel’s Unexpected Spinoff from a Holocaust Trial” in *The New York Times*, 6 de setembro de 2007. Disponível em

David Mikics⁹, analisando recentemente a obra de Ka-Tzetnik que por longo tempo permaneceu marginalizada¹⁰, registra que o autor foi acusado de transformar a Shoá em espetáculo, de evitar o horror incompreensível da catástrofe e dar preferência a cenas grotescas. Contudo, por isto mesmo, esta obra gozou de muito sucesso e não só em Israel. Ka-Tzetnik não foi o único autor a seguir esta linha. Omer Bartov¹¹, citado por Mikics, notou que, ao menos em Israel, a Shoá foi tema para fantasias de violência, perversão e degradação. Somente mais tarde ela se tornou tema para altas especulações sobre Deus, o ser humano e seu destino. Apesar do mencionado, a obra de Ka-Tzetnik, que não se considerava escritor, mas melhor ainda, um profeta, mantém o seu papel de testemunho genuíno. Talvez a excentricidade tivesse servido então para, ao exacerbar sentimentos, despertar de forma súbita a percepção do público para aquilo que ainda não estava preparado para receber e entender de modo mais racional.

A literatura foi o primeiro espaço de memória e de elaboração do luto. O livro teve a função não apenas de ser um lugar para viver, mas também de um túmulo simbólico, restituindo às vítimas um espaço entre suas páginas. Entre os remanescentes não podia ser reprimida a necessidade de pensar e escrever sobre o que lhes havia acontecido. Mas como fazê-lo? A desproporção entre os próprios eventos e os meios para expressá-los era muito grande, os confrontos foram terríveis e imensos, e as palavras - frágeis e impotentes. O resultado inevitável foi uma espécie de distorção. Diversos testemunhos e memórias foram escritos às pressas, sem habilidade, sem nenhum senso de proporção ou introspecção. Em cada obra era travada uma batalha entre revelação e ocultação. A maioria foi marcada por uma busca de alívio e não pela busca da verdade. Além disso, em Israel, existia um sentimento de vergonha, um sentimento de culpa, que exerceu uma pressão constante sobre aqueles que tentaram proteger a memória dos eventos pessoais.

http://www.nytimes.com/2007/09/06/world/middleeast/06stalags.html?_r=3&oref=slogin&oref=slogin&
Acesso em 20.11.13.

⁹ MIKICS, op. cit..

¹⁰ Em março de 2013 [10 a 12.3.2013] foi realizada uma oficina na universidade canadense de Calgary sob o título *International Workshop: Ka-Tzetnik: The Impact of the First Holocaust Novelist in Israel and Beyond*. Verifica-se que o campo de estudo em torno da obra do escritor ampliou-se bastante, como indica, por exemplo, a comunicação do professor de filosofia judaica da Universidade Bar-Ilan, de Israel, Isaac Hershkowitz "Asmodeus and Nucleus on Planet Auschwitz: Katzetnik's Theological and Demonological Kabbalah". Março 2013. Disponível em http://www.academia.edu/3316135/Asmodeus_and_Nucleus_on_Planet_Auschwitz_Katzetniks_Theological_and_Demonological_Kabbalah. Acesso em 20.11.2013.

¹¹ BARTOV, Omer. "Kitsch vessadizm baplaneta shel Ka-Tzetnik: Noar medamyen et hashoa" [Kitsch e sadismo no planeta de Ka-Tzetnik: A juventude imagina a shoá]. In *Alpayim*, 17, 1999, p. 148-175.

Entre as escritoras, uma das primeiras ficcionistas a introduzir a temática da Shoá, ainda que não como tema central, foi Yehudit Hendel [1926 -2014], chegada a Israel antes da guerra, em cuja obra a narradora se infiltra em encontros com sobreviventes que frequentemente contestam a imagem harmônica de redenção proposta pela promessa sionista. São personagens marginalizados, cuja tônica é o silêncio resultante da vinculação truncada com o passado e a incapacidade de adequar-se ao novo ambiente.

Paulatinamente a literatura hebraica passou a expor outros pontos de vista nesta escrita. A figura de maior destaque, ainda na primeira geração da Shoá, que foi firmando uma posição única a partir do surgimento de seus primeiros contos, foi Aharon Appelfeld [1932-] ¹². Ele, que começou a publicar contos na década de 1960, é o autor sobrevivente cuja obra imaginativa composta de mais de 40 volumes gira de forma mais intensa em torno da temática sem abordar especificamente os eventos catastróficos que a compuseram. Sua obra fixou-se no universo judaico europeu anterior à guerra e concomitante a ela, em ambientes do período da guerra e também posteriores.

Os contos de Appelfeld transcorrem em parte na Europa Central e Oriental e alguns em Israel; outros têm lugar na Itália. Muitas de suas obras refletem suas experiências como adolescente sobrevivente da guerra. Diversos de seus livros não lidam com a descrição dos acontecimentos em si, mas com aquilo que os precedeu, em particular no que diz respeito à condição dos judeus na Europa antes da Segunda Guerra Mundial, dividida entre as tradições dos antepassados aos quais estão vinculados, e o mundo gentio, livre, instintivo, de uma vitalidade simples, que os atraía. Seus personagens não são heróis ou partisanos, mas vítimas impotentes ou sobreviventes que apenas conseguiram não perecer, deslocados, perseguidos, desvinculados de tudo e de todos.

Appelfeld disse que todos os seus livros pertencem à saga de sua vida. Estão todos interligados e cada um deles trata de um aspecto diferente de sua existência. ¹³

Em algumas ocasiões, Appelfeld frisou que não lhe restaram muitas recordações do período da Shoá; mesmo tendo passado por muitos lugares, todos se apagaram de sua memória. E é isto que ele tenta reconstituir em sua obra. Nascido em 1932, ele foi atingido muito jovem pela guerra. A mãe foi assassinada e, em algum momento, ele se perdeu do pai, o

¹² Outros escritores sobreviventes de renome foram Uri Orlev [prosa; originalmente Jerzy Henryk Orłowski; 1931 -] Dan Páguis [1930 – 1986], Itamar Yazo-Kest [1934 -], Shamaï Golan [1933 -], Yaakov Besser [1934-2006] [poesia] e Bentsion Tomer [1928-1998] [poesia e drama].

¹³ COHEN, Boaz, “Ani lo makir sifrê yaldut” [Não conheço livros de infância], entrevista em *Globus*, 18.8.08.

qual viria a reencontrar somente muitos anos depois em Israel. Referindo-se às experiências do autor conforme se refletem nos contos e romances, assim se manifestou Yigal Schwartz, autor de uma pesquisa ampla sobre o escritor:

O universo emocional e consciência que brotam de todas as narrativas de Appelfeld são cortados por duas forças contraditórias: uma delas é em grande parte a necessidade involuntária e o desejo de excluir qualquer migalha de memória e a outra força é principalmente a tentativa de preservar as suas poucas migalhas. Estas duas forças se revelam como uma espécie de pêndulo. Às vezes, cresce a necessidade ou o desejo de esquecer e, por vezes, aumenta a necessidade ou o desejo de lembrar. De qualquer maneira, a luta entre estas forças “imperialistas” ocorre em um terreno de memórias muito pequeno.¹⁴

Silêncio, mudez e gagueira são motivos que atravessam muito da obra de Appelfeld. Estas deficiências se tornam uma fonte de força e poder. Philip Roth descreveu Appelfeld como “um escritor deslocado de uma ficção deslocada, que fez do deslocamento e da desorientação um tema próprio único”.¹⁵

Referindo-se ao universo europeu pré-guerra de Appelfeld, assim se manifesta Luis S. Krausz,

Por meio da apropriação e da recriação da aura e dos rastros de seu mundo familiar, varrido da face do mundo, Appelfeld reconstrói, em Israel e em língua hebraica, não só sua história pessoal, mas preserva do esquecimento uma episteme, um conjunto de conceitos estruturantes de um modo de ser e de pensar que desapareceu de suas terras de origem, espalhando-se pelos quatro cantos do mundo ou simplesmente perecendo sob o aparelho exterminador nazista, nos anos 1930 e 1940.¹⁶

Quanto ao perfil desta obra, as definições de Krausz, estudioso da literatura judaica centro europeia, onde ele inclui os escritos hebraicos de Appelfeld, fazem-nos ver perfeitamente o que e como se destacam os seus detalhes. No mesmo artigo [p.56], ele resume,

¹⁴ SCHWARTZ, Yigal. *Kinat hayachid venetsach hashevet: Aharon Appelfeld – tmunat olam*. [Lamento do indivíduo e eternidade da tribo: Aharon Appelfeld – retrato do mundo]. Jerusalém, Keter, 1996, p. 19.

¹⁵ ORRINGER, Julie. “The Marriage of Semite and Anti-Semite” in *Sunday Book Review – New York Times*. 14.10.11. Disponível em http://www.nytimes.com/2011/10/16/books/review/until-the-dawns-light-by-aharon-appelfeld-book-review.html?_r=0. Acesso em 20.11.13.

¹⁶ KRAUSZ, Luís Sérgio. “Aharon Appelfeld: Mitteleuropa em língua hebraica” in *Cadernos Benjaminianos*, n. 4, Belo Horizonte, ago-dez 2011, p.52-58. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/cadernosbenjaminianos/data1/arquivos/07luis.pdf> Acesso em 20.11.13.

O caráter colateral desses fragmentos torna os personagens secundários e as observações marginais, nesses romances austro-húngaros de Appelfeld, tão importantes quanto os protagonistas e o enredo principal. Nas emoções menores, nos objetos secundários, a aura deste mundo desaparecido se manifesta com maior força: Appelfeld é praticante de uma literatura onde não há lugar para a grandiloquência nem para o espetacular. Nos gestos miúdos, nos detalhes aparentemente irrelevantes manifestam-se com maior clareza aquelas essências de uma paisagem humana obliterada que ele se empenha em conservar, resistindo à “revolução cultural” do nacionalismo judaico para, ao mesmo tempo, escavar as ruínas do que foi demolido pelo genocídio.

Nas últimas décadas, o papel de autor por excelência da Shoá foi preenchido por Aharon Appelfeld.

Entre os sobreviventes da primeira geração houve uma "conspiração do silêncio" refletida também na literatura. O passado não dito, muito difícil para ser discutido, bloqueou os canais de comunicação, fazendo com que a distância entre pais e filhos fosse quase intransponível. Houve uma falta de vontade de falar sobre os traumas do passado, os sobreviventes acreditaram que a Shoá podia permanecer desvinculada de suas vidas presentes.

Mas a única coisa da qual a primeira geração acabou se separando foi de seus filhos. A segunda geração não experimentou os mesmos horrores que os pais. Por respeito, gratidão e medo, esta costumou ficar em silêncio também. Esta "dupla parede de silêncio" manteve ambas as gerações distanciadas uma da outra.

À medida que os sobreviventes da Geração Shoá chegavam ao fim de sua vida natural, surgiu a questão de como preservar a memória daquele apocalipse por aqueles que não o experimentaram diretamente.

A literatura da Shoá da segunda geração tem valor diverso, pois inclui algo que os contos de sobrevivência de primeira geração não incluíram: a sequência. Através de narrativas em que se mesclam a catástrofe e as vidas humanas agora, podemos ver como o passado afetou o presente. A Shoá não se encerrou em 1945, ela só esfriou, e as literaturas de segunda geração que encontramos hoje em dia são as suas brasas em fogo brando.

Embora a Shoá tenha ocorrido há décadas, para muitos israelenses ela ainda é uma força vibrante em suas vidas e imaginação, um evento crucial que molda sua identidade judaico-israelense. Talvez a centralidade da memória da Shoá seja um testemunho de seu impacto nas vidas de israelenses e seu sincero esforço incessante para compreender o evento em si, como seres humanos, judeus e israelenses.

Conforme expõe Dalia Ófer¹⁷, as contribuições para o discurso geral sobre a Shoá do que se denomina de "segunda geração" importam porque a Shoá e o seu significado são uma parte central de suas vidas e trabalho, assim como a preservação de sua memória e sua comemoração, ainda que para a maioria dos israelenses a Shoá não seja parte da memória viva.

Desde os anos 1980, a segunda geração tornou-se muito ativa na formação da memória do Holocausto e é atualmente uma importante participante do discurso público. Esta voz - a voz de descendentes dos sobreviventes - foi sendo ouvida na literatura, teatro, dança, cinema e artes visuais. A segunda geração juntou os sobreviventes envolvidos nas artes e artistas israelenses que não experimentaram pessoalmente o Holocausto.

Durante a sua infância, esta geração recebeu imagens complexas dos judeus europeus que haviam perecido. Aproximações e reuniões de parentes que sobreviveram aguçaram o contraste, embora não necessariamente conflitante, do senso de proximidade e estranhamento.

O termo "segunda geração", atribuído aos filhos dos sobreviventes, aparentemente foi cunhado na literatura da psicologia clínica que se propôs a lidar com o transtorno de estresse pós-traumático, a resiliência dos sobreviventes e a transferência destas condições para os seus descendentes, ainda que não lidasse somente com o transtorno e a resiliência. Iris Milner, uma especialista em literatura de segunda geração, observa que “a Shoá continua a fazer parte das vidas dos sobreviventes e seus familiares não como um evento histórico, mas como uma experiência traumática, cujas influências malignas, apesar da passagem do tempo, não diminuíram.”¹⁸

Pesquisas de análise narrativa, que discutem a construção da identidade através do estudo de histórias de vida, têm sido usadas para compreender a influência da Shoá no retorno dos sobreviventes às suas vidas e sobre os seus descendentes.

Enquanto na primeira geração puderam ser incluídos escritores que não participaram diretamente dos eventos destruidores, mas tinham vinculação pelos familiares e amigos que pereceram na Europa ou falaram em nome das cidades e localidades de onde provinham, na segunda geração atuaram, ao lado de autores descendentes biológicos ou psicológicos de

¹⁷ ÓFER, Dalia. “The Past That Does Not Pass: Israelis and Holocaust Memory” in *Israel Studies* Vol. 14 Issue 1, março 2009.

¹⁸ MILNER, Iris. *Kir'e avar: biografia, zehut vezikaron bessipôret hador hasheni*. [Fragmentos do passado: biografia, identidade e memória na ficção da segunda geração]. Tel Aviv, Am Oved, 2003.

sobreviventes, outros que não tiveram qualquer vinculação direta com a Shoá ou sequer participaram de trabalhos de salvamento ou resgate.

O surgimento sensacional em 1986 do romance *Ayen: Erech Ahavá* [Ver: Amor]¹⁹ de David Grossman [1954 -] dirigiu a atenção do público para o fato de ter brotado uma nova geração de autores que não conheceu a Shoá de forma direta ou indireta e, ainda assim, sentiu necessidade emocional e intelectual de se defrontar com ela. Trata-se de um romance pós-moderno ambicioso, que emprega uma variedade de técnicas de narrativa para explorar a persistência do passado trágico. Momik, personagem central de Grossman, enquanto criança, tenta, na primeira parte do livro, adentrar o universo de então em busca da “besta nazista” que, pela sua tenra idade, ele não sabe o que é. Como criança que cresceu em Jerusalém, viveu perto dos sobreviventes e do seu modo de vida, Momik tenta se aproximar do mundo silencioso de seus pais. A reticência ruge em seus ouvidos. Ele vê os sobreviventes em sua rotina diária, mas sente que eles estão aprisionados no quiosque de vidro do bairro onde vendem bilhetes de loteria. Na hora das refeições, o seu comportamento lembra o de uma luta contra um inimigo que deve ser vencido.

O mesmo Momik, já adulto, cria, na terceira parte do livro, uma simulação que lhe permite, entre outras coisas, estar presente no campo de Treblinka durante o período do extermínio.

O livro se completa com uma narrativa surrealista tendo como personagem central o escritor judeu polonês Bruno Schulz²⁰ na segunda parte e, no final, a enciclopédia da vida de um bebê. Os instrumentos narrativos utilizados por Grossman, de todo incomuns, exóticos e inesperados, têm funções muito específicas ante o confronto com os eventos inimagináveis criados pelas mentes mais deturpadas que geriram o período nazista. Conforme Berta Waldman,

Esses estilos, postos lado a lado, compõem uma engrenagem bizarra de tons e modos narrativos que refletem, entre outras coisas, a necessidade e a incapacidade da imaginação de compreender a Shoá. Há também nessa escolha um sinal de resistência ao discurso oficial que coloca o Holocausto

¹⁹ GROSSMAN, David. *Ayen: Erech Ahavá*. Tel Aviv, Hassifriyá Hachadashá, 1986. Versão brasileira: *Ver: amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

²⁰ Schulz [1892 – 1942] foi escritor em língua polonesa, crítico literário e artista plástico muralista. Tornou-se personagem simbólico e emblemático particularmente devido às circunstâncias de sua morte. Protegido durante a guerra por um oficial nazista apreciador de sua arte, foi estupidamente baleado por outro oficial, na rua, que deste modo se vingou do protetor de Schulz. Diversos autores contemporâneos, além de Grossman, têm feito uso da figura de Schulz.

lado a lado com a história judaica de redenção. Assombrados pela história europeia do século XX, seus narradores não tratam a experiência traumática no registro frontal do testemunho, mas sempre sob a forma oblíqua, tentando entender como a corrente do tempo se retarda no campo gravitacional das coisas esquecidas e como incorpora os rastros singulares que a passagem dos homens e os acontecimentos deixam no espaço.²¹

Uma das características desta segunda geração literária foi a tentativa de realizar uma revisão de alguns dos conceitos básicos enraizados na sociedade israelense em relação à Shoá. A dramaturgia hebraica contribuiu com importantes obras que expuseram uma prontidão para descobrir/revelar uma compreensão das circunstâncias abstrusas e complicadas em que se encontraram os judeus da Europa ante uma complexidade de situações, que englobou temas que, na década de 1950, despertaram acirrados debates pelas situações estranhas de, por exemplo, colaboracionismo em diversas esferas²². Nas obras literárias, a Shoá está colocada fora do quadro histórico e torna-se um evento com fronteiras flexíveis, uma experiência perene na vida diária.

Dvir Abramovich²³, um dos estudiosos do assunto, considera que os membros da geração pós-Shoá, que foram marcados pelas imagens escuras e ansiedades não pronunciadas projetadas por seus pais, descobriram que aqueles traumas invadiram persistentemente a sua existência presente. Assim, são esta transferência de síndrome dos sobreviventes para os seus herdeiros e a interiorização e absorção posteriores dessas histórias terríveis, que fornecem ao autor da segunda geração a matéria-prima temática com que tecem uma narração própria.

Estes textos não são mais exatamente sobre a Shoá, mas constituem reflexões de testemunhos sobre a sobrevivência contínua dos pais e sua própria tentativa de modelar a memória da catástrofe. Os filhos têm compromisso de testemunhar em nome deles. Ainda que os eventos mais importantes de suas vidas tivessem ocorrido antes de seu nascimento, este legado deixou uma marca indelével.

Se após a independência do país e criação do Estado a literatura e a cultura giraram em torno do *ethos* do heroísmo, na geração pós-Shoá, a partir da década de 1980, com a sociedade israelense conduzindo-se de forma ideologicamente mais branda, fez-se notar o

²¹ WALDMAN, Berta. “A memória vicária em *Ver Amor*, de David Grossman” in *WebMosaica* Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall v.1 n.2 (jul-dez) 2009. P. 74. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/11984/7125>. Acesso em 20.11.13.

²² O processo e julgamento de Rudolf Kastner em Israel, acusado de colaboracionista na Hungria, seu posterior assassinato e novo julgamento que o inocentou formam o capítulo mais marcante da década de 1950 com relação à Shoá.

²³ ABRAMOVICH, Dvir. “Transmitting Pain into Art in Contemporary Israeli Fiction” in *Double Dialogues – Anatomy and Poetics*. No. 6, inverno de 2005. Disponível em http://www.doubledialogues.com/archive/issue_six/abramovich.html. Acesso em 25.11.2013.

distanciamento de uma identidade construída por um mito nacional coletivo, do heroísmo, em direção a narrativas situadas em muitas zonas e habitadas por pessoas diversas, entre as quais se incluiu o universo posterior à catástrofe.

Os israelenses não estavam mais exclusivamente interessados na condição nacional: em grande medida afastaram-se de questões ideológicas ou políticas, dando preferência a aspectos até então obscuros e marginais da sociedade.

Em anos recentes surgiu uma das obras mais instigantes em que se encaixam estas revisões. O romance *Shoá shelanu* [Nossa Shoá]²⁴ é o primeiro livro de Amir Gutfreund, Tel Aviv, Ed. Zamora-Beitan, 2000.

Nossa Shoá é simultaneamente um romance autobiográfico e não o é. Contém as pessoas que habitaram a infância do narrador: os sobreviventes trágicos, excêntricos, maravilhosos e coloridos do universo da Shoá; inclui muitos fatos recolhidos da pesquisa, evidências, adições da imaginação, casos de alemães ruins e bons, judeus bons e maus.

Os pais do narrador sobreviveram à Shoá ainda como crianças. Têm a força e o desejo de dar aos seus filhos uma infância livre, com amor. O narrador não se considera pertencente à "segunda geração", mas àquilo que ele denomina de geração "dois e meio."²⁵ É a sua sorte. É filho de sobreviventes ao qual não foram repassados os sintomas da síndrome da Shoá. A Shoá de sua infância é um código secreto, escorregadiço, mas presente; qualquer tentativa de rompê-lo é recebida com a resposta: "Quando você crescer, entenderá." No livro transitam

²⁴ *Shoá shelanu*, Tel Aviv, Ed. Zamora-Beitan, 2000, 431 páginas. Gutfreund nasceu em Haifa em 1963. Tem mestrado em matemática aplicada do Instituto de Tecnologia Israel [Technion], serviu na Força Aérea Israelense por vinte anos e reformou-se no posto de Tenente-Coronel. Vive em uma aldeia na Galileia. *Nossa Shoá* recebeu em 2002 o Prêmio Buchman pela memória da Shoá em pesquisa e literatura do Instituto Yad Vashem e o Prêmio Sami Rohr de 2007 do Conselho do Livro Judaico dos Estados Unidos. A coletânea de contos *Ahuzot hahof* [Mansões na praia] de Amir Gutfreund, Tel Aviv, Ed. Zamora-Beitan, 2002, foi contemplada em 2003 com a principal láurea literária israelense, o Prêmio Sapir, conferido pela Loteria Nacional "Mif'al hapais". O monólogo *Ish haplada mish'chunat Katsenelson* [O homem de aço do bairro Katsenelson] baseou-se parcialmente no livro *Shoá shelanu*. O monólogo foi escrito e representado por Moshê Prester no Teatroneto.

²⁵ A segunda geração convive atualmente com uma terceira, algo que é bem percebido na literatura hebraica. Estudos indicam que entre descendentes que são terceira geração, orgulho, força e gratidão fazem igualmente parte do legado recebido junto com os efeitos negativos da experiência da guerra. A terceira geração está reconstruindo a história dos avós, trazendo à tona o seu legado e, ao fazê-lo, está tomando conhecimento da força e das batalhas heroicas que seus antecessores travaram a fim de chegar ao lugar em que se encontram hoje. É importante frisar que os membros da terceira geração, netos de sobreviventes, são provavelmente os últimos a terem contato direto com pessoas que foram atingidas pela Shoá. A terceira geração é vista como aquela que confere grande valor aos avós e os vê mais como heróis do que como vítimas. A tese de doutorado de Melissa C. Kahane-Nissenbaum, *Exploring Intergenerational Transmission of Trauma in Third Generation Holocaust Survivor*, da área de Serviço Social da Universidade da Pennsylvania, 2011, é um dos muitos estudos a respeito do tema. Disponível em http://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1017&context=edissertations_sp2, acesso em 25.11.20113.

protagonistas reais e ficcionais, entre figuras de parentes que pereceram e que tiveram por meio desta narrativa a oportunidade de ter as suas vidas registradas em Israel.

Como livro especial, diferente e muito corajoso, a obra mescla elementos que dificilmente podem ser misturados, uma história da Shoá como pano de fundo e um estudo de crianças curiosas, experiências da infância em um mundo composto exclusivamente por sobreviventes, cada um com suas peculiaridades, cada um com suas cicatrizes emocionais, cada um com seu mistério aos olhos das crianças.

Tem como narrador Amir, reflexo parcial do autor Amir Gutfreund, inicialmente um menino de 13 anos que, junto com a prima Efi, de 14, procura descobrir a Shoá do universo em que vive, numa pequena cidade nos subúrbios de Haifa, Kiryat Chaim. Diversamente da magistral figura de Momik, o menino obcecado pelos fantasmas do passado da obra de Grossman, Amir não precisa criar “bestas nazistas” no porão ou vencer um processo de distorção dos fatos, apenas persuadir, convencer ou subornar sobreviventes para que contem suas experiências que, graças ao tom de humor difuso na primeira parte do livro – um humor usado como instrumento que permite ouvir as coisas mais terríveis -, assumem quase um aspecto de aventuras que perpassa a obra toda.

Da parte inicial, da infância, a trama construída de forma frouxa e que não mostra indícios de seu rumo ou sequer de qual será o tema central, irá se estender até a idade adulta de Amir - já casado e com um filho, agora sem a prima, que se formou em medicina neste meio tempo e que já não o acompanha, - que consegue extrair a história de cada um dos sobreviventes que compõem o seu mundo. Nas últimas duas páginas do livro, depois que as diversas histórias acabaram de ser contadas, o narrador identifica quais personagens e relatos são reais e quais são fruto da fantasia que, de todo modo, se baseou em fatos concretos e frutos de muita pesquisa, principalmente no Instituto Yad Vashem.²⁶

Alguns detalhes biográficos do autor contribuem para que se entenda o que este livro pretendeu e o que atingiu.²⁷ Após a morte da mãe, Gutfreund empreendeu junto com o pai uma viagem de raízes à Polônia e passou pelos guetos e campos onde seus familiares foram enclausurados e/ou eliminados. Segundo suas palavras, foi visitar mortos e topou com a vida.

²⁶ Nome da instituição oficial israelense que preserva a memória das vítimas judaicas da Shoá. Foi estabelecida em 1953. Seu nome é baseado em Isaías 56,5 e significa *lugar e nome*. É também um instituto de pesquisa e estudo.

²⁷ ROKAS, Ronit. “Lelô hesber, lelô sof” [Sem explicação, sem final]. Texto e entrevista. In *Haaretz*, 9.4.2002. Disponível em <http://www.haaretz.co.il/1.785261> Acesso em 20.11.13.

Decidido a documentar a história da família, deu-se conta, a partir de certo ponto, que tinha passado a registrar as próprias sensações sobre o amplo material que tinha estudado, principalmente de testemunhos, para entender o que aquelas pessoas tinham vivido. Os pais de Gutfreund passaram pela Shoá como crianças; o pai, diversamente da mãe, não carregou adiante muitas marcas do período. No livro, Amir e a prima Efi tentam extrair histórias do período da guerra dos diversos avós e tios que complementam a sua pequena família. Mas eles não se dispõem a contar tudo, pois os jovens “ainda não atingiram a idade” [de poder ouvir, vivenciar, entender]. Somente à medida em que Amir amadurece e vai conseguindo juntar os fragmentos ouvidos e que, da mesma forma, os transfere ao leitor, é que entende que aqueles não eram em absoluto seus familiares e sim agregados sem parentes que cumprem papéis de avós ou tios ou amigos, todos eles mais idosos. Algo semelhante ocorreu na família do autor.

A estrutura e todos os elementos incluídos no livro têm a função específica de expor o que é “nossa Shoá”, a Shoá particular como é vivida na família ampliada e no bairro, a Shoá da geração dos pais e avós, de que Amir e Efi se apropriam, não a Shoá histórica. Cada um dos sobreviventes tem a sua exposição particular de “o que aconteceu lá”. Estas servem para distinguir entre a Shoá “deles” e a que é vivenciada atualmente. Assim, as primeiras dezenas de páginas do livro não apresentam qualquer sinal de trama, o que torna frustrante a perspectiva do leitor. Todavia, é justamente o conjunto amorfo de trechos que expõe o que é a “nossa Shoá” do ponto de vista das crianças de Israel, descendentes ou não de sobreviventes. Aliás, estas crianças têm no mínimo duas visões, que não se conjunham, do que foi o evento. Uma, formal, recebida em qualquer escola, com as celebrações do dia em que as vítimas são lembradas, o *Yom hashoá vehagvurá* – Dia da Shoá e do heroísmo – e a que transcorre ao seu redor, com idosos que têm comportamentos incomuns [gritos, trajes, frases repetidas, manias, atitudes estranhas], falam mal a língua, atêm-se a alguns aspectos do passado que contrastam com posturas ímpares em relação ao presente [fraternidade, atos protetores, solidariedade]. O que, afinal, pode haver em comum entre os saquinhos de chá que o avô Lôlek reutiliza várias vezes e ainda leva embora consigo, com o cartaz de cartolina exposto na escola que traz poemas sobre heroísmo, as declamações, a sirene que soa em horário fixo e o minuto de silêncio? Ou com os programas de rádio que todos ouviam onde eram mencionadas listas com nomes de pessoas sobreviventes procuradas ou que procuravam por eventuais parentes, amigos ou conhecidos? Como eles podem fazer parte do mesmo universo, principalmente

quando os feitos relatados por Lôlek paulatinamente indicam que ele, na verdade, combateu de início no exército polonês e depois se juntou a um regimento polonês do General Anders que lutou junto com os aliados até o final da guerra?

Gutfreund descreve a pessoa do Vovô Lôlek, uma pessoa que sabe lutar a guerra de sobrevivência como muitos judeus aprenderam a fazer na diáspora. Como todos os que aprenderam na carne como sobreviver, também o Vovô Lôlek lida com tudo o que tem à sua frente porque é preciso continuar vivendo. O escritor olha para o homem com os olhos de "sabrá", o israelense nato. Examina-o de todos os ângulos, como se os judeus da diáspora fossem tipos únicos e diferentes. Procura a diferença todo o tempo. Vovô Lôlek se ocupa com todos os tipos de dívidas, empréstimos, quitações. Este é um dos sobreviventes selecionados como "avô", mas a pergunta que se repete é "Quem é você, Vovô Lôlek?"

O irreverente Vovô Lôlek, uma verdadeira criação cômica, perdeu toda a família nas câmaras de gás. A guerra impediu-o de se casar com seu grande amor, Joyce, uma dançarina de Kentucky que dançou para ele com dois guarda-sóis no cais chuvoso em Portsmouth. Lôlek menospreza os sobreviventes da Shoá que, em sua opinião, passaram pela guerra de forma mais fácil em comparação com a que ele passou na Itália, na batalha de Monte Cassino. Todavia, na prática, Lôlek é também um sobrevivente da Shoá.

O nativo do país, tateando no escuro quando se trata da Shoá, ainda está em busca de respostas para muitas questões que não podem ser respondidas ou porque não há respostas ou porque há e não é agradável conectar-se a elas.

Gutfreund tenta entender e apresentar no livro o que foi o grande plano se escondendo atrás de fragmentos de histórias de pessoas. Procurou examinar a Shoá como um evento ao qual estavam ligados seres humanos, nazistas ou judeus. Ao questionar o pai, o narrador Amir perguntava "Mas o que aconteceu no final com este homem?", referindo-se a qualquer pessoa com a qual o pai tinha convivido, e ele não sabia. O pai também não conseguia responder por que os nazistas moviam os judeus de um lugar para o outro, por que ocorria uma "ação", uma "seleção" e etc..²⁸ Os judeus souberam o que ocorria com eles, mas não sabiam o porquê.²⁹

²⁸ Ação - atividade da Gestapo e de outras forças de segurança, a fim de detectar, deter e concentrar os judeus antes de encaminhar para campos de concentração, campos de extermínio ou de campos de trabalho forçado. Os que se rebelavam eram fuzilados de imediato.

Seleção - atividade em campos de concentração e campos de trabalho e guetos durante as "ações" com o propósito de encaminhar as pessoas nos campos. A triagem baseava-se, principalmente, na idade e na capacidade para o trabalho. Inaptos [doentes, crianças, idosos e mulheres] eram assassinados de imediato. A seleção era

Dentre as três principais histórias de sobreviventes, destaca-se, em seguida, a do Vovô Yossef, o mais solicitado dos homens, seja como juiz, árbitro ou mediador entre litigantes ou como alguém que dirimia todas as dúvidas. O Vovô Yossef era a árvore do saber; dominava tanto a sabedoria judaica – tinha sido um prodígio no conhecimento do Talmude - como campos amplos abrangendo de astronomia à geografia e história. Tinha passado por 12 campos de concentração, guetos e campos de extermínio. Dois aspectos se ressaltam na sua sobrevivência: milagre e mistério. É salvo da morte por diversas vezes graças à ajuda das mais diversas pessoas que desistem de viver, mas o auxiliam a continuar vivo, desde um bandido até um rabino. A afeição e o afeto por eles, talvez mais do que a gratidão, levam-no, na velhice, em Israel, a curiosos episódios, a ir estudar e pesquisar na universidade e, mais adiante, já viúvo, depois das mortes da esposa inválida, do filho autista e do seu cão, em gesto inesperado e aparentemente aventureiro, a viajar ao Caribe para pesquisar a história de piratas judeus. Com isto, tenta compensar a morte de alguém que o salvou, indo completar as pesquisas que aquele não teve tempo de cumprir.

Deveu a sua vida igualmente a um oficial alemão de alta patente, aparentemente cruel, que precisou da companhia de um judeu baixinho [!!!] que soubesse alemão, que percorreu vários campos de prisioneiros em busca da jovem alemã que trabalhava em algum deles, por quem estava apaixonado. Não se sabe para que fim o oficial precisava de um judeu que falasse a sua língua e que fosse baixinho, pois Vovô Yossef jamais abriu a boca durante todo o tempo em que esteve na companhia daquele, e também não cumpriu nenhuma função durante a viagem. A moça alemã desdenhou o oficial. Vovô Yossef, não tendo mais função – este é o mistério – foi deixado então em um dos campos. Ainda que misteriosa, a história da busca da mulher amada corre paralela ao amor de Vovô Yossef por Feigue, cuja trajetória se perde nas fugas durante a guerra. Ao se ler como o alemão empreende a sua busca ensandecida pela amada, o leitor entende instintivamente como foi a busca de Yossef por Feigue. Diversamente do oficial, Yossef e Feigue se reencontram e se casam. É somente após a morte da esposa, Feigue, que Yossef parte para empreender a pesquisa no Caribe.

O advogado Perl é o terceiro testemunho; não mais advogado na prática, mas dono de uma loja de parafusos e bricabraque, como causídico e vítima, afirma que não deviam ter

geralmente feita imediatamente após a chegada de um transporte de judeus para o campo; as seleções dos internos nos campos eram refeitas de tempos em tempos.

²⁹ Citado por KALISH, Yaakov in *Simania hamlatsot sfarim ishiot*, 29-10-2009. Disponível em <http://simania.co.il/showReview.php?reviewId=18469>. Acesso em 24.11.2013.

enforcado os nazistas nos Julgamentos de Nuremberg, mas colocá-los definhando em campos de concentração, para que provassem as experiências de lá e implorassem de joelhos que os eliminassem. A opção por uma loja de parafusos, no romance, não é aleatória; em sua defesa, os criminosos de guerra alegaram que cumpriam um papel [pequeno!] pelo qual não tinham optado. Paralelas aos escaninhos com mercadorias minúsculas e de pouca valia na parte dianteira da loja, gavetas, na parte posterior do estabelecimento, contêm as fichas em que Perl registrou e atualizou os dados dos criminosos nazistas julgados, as dimensões de suas monstruosidades, sua história depois de liberados, local em que se encontram, se morreram. Os contrastes das dimensões e valores não se dão apenas entre parafusos e crimes de guerra, mas entre estes e as penas pífias que estes criminosos cumpriram. De fato, apenas um pequeno punhado de criminosos foi levado a julgamento e, quando condenados, receberam sentenças para definir na prisão, mas a maioria deles foi capaz de escapar dela depois de uma pena de curta duração. Isto, além da grande maioria que conseguiu escapar da Alemanha, sem julgamento, para vários países ao redor do mundo - Europa, América do Sul e África do Sul, e de alguns que receberam asilo político e se assimilaram na população local, vivendo em pequenas comunidades, preservando a cultura alemã mesmo em ambiente estranho. A história dos sofrimentos de Perl entremeia a descrição do que consta de cada ficha, crimes, penas e como os criminosos se safaram. A intenção do velho Perl é que se saiba que estes crimes não prescreveram, que se tome conhecimento de que os criminosos nazistas não foram devidamente punidos e que é preciso continuar a ter estes temas em mira.

Em entrevista, Gutfreund declara: “é preciso continuar, entender. Ler tudo o que se puder sobre os criminosos nazistas, as ideias, as coisas feitas por aqueles que entenderam que tudo é permitido, que ninguém punirá. Tenho tempo, o principal é continuar.”³⁰

O menino Amir visita a parte posterior da loja e suas gavetas na infância, junto com o pai, continua a fazê-lo como adulto e passa a levar o filho para a mesma missão. O advogado Perl morre aos 93 anos e lega a loja aos empregados que terão como missão continuar a registrar a impunidade dos crimes de guerra. É também um dos aspectos da Shoá particular dos israelenses.

Às histórias dos sobreviventes são contrapostas as de umas poucas figuras alemãs, como Kurt Franz, um dos comandantes do campo de extermínio de Treblinka e um dos mais cruéis matadores de judeus. Como personagem fictício, por outro lado, é trazido um jovem

³⁰ Apud KALISH, op. cit..

pesquisador alemão, Hans Oderman, que se dedica à questão da orfandade alemã, que vem a Israel no tempo da narrativa para ampliar o seu conhecimento do tema. A orfandade de alemães foi resultado de “pesquisa científica” desenvolvida durante o período do nazismo³¹. Assim, as duas principais figuras de alemães trazidas encontram-se em extremos opostos, de perpetrador e de vítima. O autor faz uma clara distinção entre aqueles que tomaram parte ativa no extermínio, mesmo que apenas "seguindo ordens", e aqueles que nasceram deles, tanto alemães como judeus.

Entremeadas com as narrativas principais e as menores, mesclam-se no livro, de forma aparentemente singela, grandes perguntas. A primeira delas que as crianças formulam é se somente pessoas santas foram mortas nas câmaras de gás. Outra questão que se destaca é se é possível julgar uma pessoa que aponta, em seu desespero, o esconderijo de outro judeu, "apenas" para se salvar da morte. As perguntas são repetidas em diversos momentos e contextos dentro da obra. Mas é também citado que Deus ordena a eliminação dos amalequitas, o primeiro povo que atacou os hebreus, sem provocação prévia, quando eles saíam do cativeiro no Egito rumo à Terra Prometida, conforme consta em diversos livros da Bíblia. Poderão as ordens de eliminação de uns e de outros ser consideradas de forma paralela? Igualmente pungente é a colocação sobre o critério nazista de procurar para classificar como judeus, portanto seres a serem exterminados, aqueles que tivessem mesmo que apenas um oitavo de sangue judaico. Quase no final do enredo, o narrador descobre que um antecessor da esposa foi um colaboracionista. Será que o filho do narrador carregará consigo uma oitava parte de passado criminoso?

A obra de Gutfreund está muito distante da obra de Ka-Tzetnik, citado no início. Voltando àquele escritor, um fato muito marcante e chocante relacionado a ele impressionou profundamente a população israelense, fato que ainda é lembrado e mencionado. Ka-Tzetnik foi um dos convocados a testemunhar no julgamento de Eichmann, e este foi o momento mais dramático do julgamento. Após umas poucas palavras ele teve um colapso, desmaiou, foi

³¹ *Lebensborn* – programa para intensificar o crescimento da taxa de natalidade de crianças “arianas” a partir de relações extramaritais de pais “racialmente puros e saudáveis” com base na higiene racial e ideologia de saúde nazistas. Estas crianças foram, em certo sentido, órfãs.

retirado da corte e hospitalizado. Jamais chegou a completar o testemunho.³² Muitos anos mais tarde, questionado em um programa de televisão³³ se isto ocorrera por ódio, medo ou memórias terríveis, Dinur [Ka-Tzetnik] explicou que repentinamente tinha se dado conta de que Eichmann não era o oficial do exército [feito à] semelhança de Deus que tinha enviado tantas pessoas para a morte. Este Eichmann era uma pessoa comum. Disse Dinur: “Eu estava com medo de mim mesmo [...] Vi que sou capaz de fazer isto. Sou [...] exatamente igual a ele.” Dinur resumiu os seus sentimentos dizendo, “Eichmann está [existe] em todos nós”.

A conclusão de Amir, quando termina de contar as histórias que coletou, é que entre as vítimas da Shoá havia tanto santos, quanto pecadores, e que a maioria era gente absolutamente comum. Da mesma forma, alguns dos agressores eram sádicos e monstros, enquanto outros tentaram fazer algo de bom, mas a maioria era simplesmente gente comum. No final, este é o horror e a advertência: a Shoá foi cometida contra e por seres humanos iguais a nós.

“Nossa Shoá” – *Shoá shelanu*. Do ponto de vista gramatical, a construção do título em hebraico é correta, porém soa um pouco estranha, o que não é perceptível em português. A falta do artigo definido implica, para além da tradução, em uma compreensão um pouco diversa do significado das palavras. Pode-se melhor compreendê-las como “esta Shoá é a nossa” ou “esta é a nossa Shoá”, ou seja, não é da Shoá da Europa que se está tratando, mas das partes e fragmentos daquela Shoá como foram e continuam sendo vividos e experimentados em Israel, o que, sem dúvida, tem a ver com a vida de Israel e não a de outros lugares.

³² A transcrição da sessão pode ser lida em <http://www.nizkor.org/hweb/people/e/eichmann-adolf/transcripts/Sessions/Session-068-01.html>.

³³ Programa *60 Minutes*, entrevistador Mike Wallace, 6/2/1983. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Yehiel_De-Nur. Acesso em 5/12/2013.

Referências

- ABRAMOVICH, Dvir. “Transmitting Pain into Art in Contemporary Israeli Fiction” in *Double Dialogues – Anatomy and Poetics*. No. 6, inverno de 2005. Disponível em http://www.doubledialogues.com/archive/issue_six/abramovich.html . Acesso em 25.11.2013.
- ASHKENAZI, Eli. “Abba Kovner in letter after Adolf Eichmann trial: A dam has burst of Holocaust survivors' emotions” in *Haaretz*. 2.12.2010. Disponível em <http://www.haaretz.com/print-edition/news/abba-kovner-in-letter-after-adolf-eichmann-trial-a-dam-has-burst-of-holocaust-survivors-emotions-1.328294> Acesso em 20.11.13.
- BARTOV, Omer. “Kitsch vessadizm baplaneta shel Ka-Tzetnik: Noar medamyen et hashoa” [Kitsch e sadismo no planeta de Ka-Tzetnik: A juventude imagina a shoá]. In *Alpayim*, 17, 1999, p. 148-175.
- COHEN, Boaz, “Ani lo makir sifrê yaldut” [Não conheço livros de infância], entrevista em *Globus*, 18.8.08.
- GROSSMAN, David. *Ayen: Erech Ahava*. Tel Aviv, Hassifriya Hachadasha, 1986. Versão brasileira: *Ver: amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUTFREUND, Amir. *Shoá shelanu* [Nossa Shoá]. Tel Aviv, Ed. Zamora-Beitan, 2000.
- HERSHKOWITZ, Isaac. “Asmodeus and Nucleus on Planet Auschwitz: Katzetnik’s Theological and Demonological Kabbalah”. Disponível em http://www.academia.edu/3316135/Asmodeus_and_Nucleus_on_Planet_Auschwitz_Katzetniks_Theological_and_Demonological_Kabbalah. Acesso em 20.11.2013.
- KAHANE-NISSENBAUM, Melissa C., *Exploring Intergenerational Transmission of Trauma in Third Generation Holocaust Survivor*. Pennsylvania University, 2011. Disponível em http://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1017&context=edissertations_sp2, acesso em 25.11.2013.
- KALISH, Yaakov in *Simania hamlatsot sfarim ishiot*, 29-10-2009. Disponível em <http://simania.co.il/showReview.php?reviewId=18469>. Acesso em 24.11.2013.
- KERSHNER, Isabel “Israel’s Unexpected Spinoff from a Holocaust Trial” in *The New York Times*, 6 de setembro de 2007. Disponível em http://www.nytimes.com/2007/09/06/world/middleeast/06stalags.html?_r=3&oref=slogin&oref=slogin&. Acesso em 20.11.13.

- KRAUSZ, Luís Sérgio. “Aharon Appelfeld: Mitteleuropa em língua hebraica” in *Cadernos Benjaminianos*, n. 4, Belo Horizonte, ago-dez 2011, p.52-58. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/cadernosbenjaminianos/data1/arquivos/07luis.pdf> Acesso em 20.11.13.
- MIKICS, David. “Holocaust Pulp Fiction” in *Tablet a New Read on Jewish Life*, 19.04.12. Disponível em <http://www.tabletmag.com/jewish-arts-and-culture/books/97160/katzetnik?all=1> Acesso em 20.11.13.
- MILNER, Iris. *Kir’e avar: biografia, zehut vezikaron bessiporet hador hasheni*. [Fragmentos do passado: biografia, identidade e memória na ficção da segunda geração]. Tel Aviv, Am Oved, 2003.
- ORRINGER, Julie. “The Marriage of Semite and Anti-Semite” in *Sunday Book Review – New York Times*. 14.10.11. Disponível em http://www.nytimes.com/2011/10/16/books/review/until-the-dawns-light-by-aharon-appelfeld-book-review.html?_r=0 . Acesso em 20.11.13.
- ROKAS, Ronit. “Lelo hesber, lelo sof” [Sem explicação, sem final]. Texto e entrevista. In *Haaretz*, 9.4.2002. Disponível em <http://www.haaretz.co.il/1.785261> Acesso em 20.11.13.
- SCHWARTZ, Yigal. *Kinat hayachid venetsach hashevet: Aharon Appelfeld – tmunat olam*. [Lamento do indivíduo e eternidade da tribo: Aharon Appelfeld – retrato do mundo. Jerusalém, Keter, 1996, p. 19.
- WALDMAN, Berta. “A memória vicária em *Ver Amor*, de David Grossman” in *WebMosaica* Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall v.1 n.2 (jul-dez) 2009. P. 74. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/11984/7125>. Acesso em 20.11.13.